

DISCIPLINA, CONTROLE SOCIAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO À LUZ DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT¹

CRUZ, Priscila Aparecida Silva.²
FREITAS, Silvane Aparecida de.³

Resumo: Nosso intuito neste artigo é apresentar as análises de Foucault referentes à formação da sociedade disciplinar, no sentido de favorecer o entendimento do funcionamento das suas formas de vigilância e punição em nossa sociedade, sendo o foco principal, a escola e suas relações de controle e vigilância. A pesquisa bibliográfica, ora realizada, tem como referencial teórico Michel Foucault e outros autores que avaliam a questão do poder disciplinar na formação da instituição escolar moderna. As reflexões sobre os resultados desta pesquisa bibliográfica visam a melhor compreensão dos mecanismos de exercício do poder disciplinar, frequentemente, utilizados na Instituição Escolar e permitem inferir como esses mecanismos exercem o controle social, político e ideológico no contexto da uma sociedade como a atual, atravessada por interesses diversos e quase sempre contraditórios.

Palavras-chave: Poder disciplinar. Sociedade disciplinar. Controle social. Instituição Escolar

Introdução

Vivemos em uma sociedade de vigilância, em que a cada momento nos damos conta de que estamos sendo controlados e avaliados. Por vezes, essa vigilância é tão mascarada ou tão natural e cotidiana que sequer notamos a sua presença. A disciplina é um mecanismo utilizado para garantir o controle dos indivíduos que compõem determinada sociedade. As instituições, em geral, adotam os mecanismos disciplinares

¹ O texto ora apresentado é parte reformulada de uma pesquisa apoiada pelo CNPQ, intitulada: “O PODER DISCIPLINAR E A VIOLÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: um estudo à luz do pensamento de Michel Foucault e Áurea Guimarães.”

² Discente do Curso de Direito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. Bolsista PIBIC/CNPQ, autora da pesquisa intitulada “O PODER DISCIPLINAR E A VIOLÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: um estudo à luz do pensamento de Michel Foucault e Áurea Guimarães.” E-mail: priscarola@hotmail.com

³ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista de Assis. Docente dos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e Especialização em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. E-mail: silvaneafreitas@hotmail.com

para garantir a vigilância, o controle, a maior produtividade e desempenho de seus integrantes. Estando as instituições escolares inseridas no contexto sócio cultural, estão impregnadas deste mesmo mecanismo disciplinar de controle social.

Michel Foucault observou e teorizou esse fenômeno social, denominando-o de sociedades disciplinares, o qual situou-se entre os séculos XVIII e XIX, atingindo seu ápice no começo do século XX, época em que os sujeitos (soldados, alunos, trabalhadores) eram disciplinarizados com o intuito de que se tornassem dóceis e produtivos.

A obra de Foucault foi sistematizada por alguns estudiosos e pelo próprio Foucault, segundo três diferentes ênfases metodológicas, denominadas arqueologia, genealogia e ética, sendo comum essa forma de sistematização. Sobre essa sistematização, Salma Tannus Muchail (2004, p. 9) acrescenta:

Os estudiosos de Foucault como ele próprio, reconhecem, com certo consenso, uma repartição possível dessa trajetória em três momentos. O primeiro conhecido como da ‘arqueologia’, é voltado principalmente para questões relativas à constituição dos saberes e inclui os principais livros publicados na década de 1960 [...]. O segundo momento, conhecido como período da ‘genealogia’, é centrado sobre questões relativas aos mecanismos do poder e inclui os principais livros da década de 1970 [...]. O terceiro momento trata de questões relativas à constituição do sujeito ético.

Foucault utiliza a genealogia como um instrumento metodológico que une estudos buscando o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. (FOUCAULT, 2002, p. 13).

Usando dessa genealogia, Michel Foucault (2002, p. 19) questiona “a instituição e os efeitos de saber e de poder no discurso científico”. Desse modo, ele considera interessante determinar quais são os diferentes dispositivos de poder exercidos na sociedade. Em relação ao “saber-poder”, Foucault admite que o poder produz saber, logo, define que estes estão diretamente implicados, sendo que não há relação de poder sem constituição direta de um campo do saber, nem saber que não suponha ou não constitua, simultaneamente, relações de poder.

Especialmente no livro “Vigiar e Punir: nascimento das prisões” de Foucault (publicada no ano de 1975), a questão do poder e de seus dispositivos é problematizada, constituindo, assim, o assunto principal dessa pesquisa, que versará sobre a disciplina utilizada na sociedade moderna para o controle da atividade e da composição das forças, para obtenção de maior eficiência e para o controle social com regulamentação das práticas punitivas da instituição escolar.

Diante do exposto, neste estudo, refletiremos sobre as correlações entre saber e poder, vigilância e penalidade que constituem a sociedade disciplinar. Nesta perspectiva, entende-se que a disciplinarização e o rigor da sua aplicação, como umas das formas de se manifestar o saber, buscando entender a visão foucaultiana do poder disciplinar e suas relações de força, as quais podem se constituir por meio da disciplinarização do espaço, tempo e corpos.

Nosso intuito neste artigo é apresentar as análises de Foucault referentes à formação da sociedade disciplinar, compreendendo o funcionamento das suas formas de vigilância e punição em nossa sociedade, sendo o foco principal, a escola e suas relações de controle e vigilância.

Conhecer estas disciplinas e seus mecanismos de controle poderá nos permitir o entendimento da submissão da instituição escolar a diversas normas disciplinares e a obediência dos alunos. É importante refletirmos sobre o fato de que a força do poder e o olhar vigilante expresso pelas hierarquias podem ser um meio hábil para gerar o comportamento dócil do educando e do educador, sendo que pode haver uma razão de cunho político e social diretamente interessada nesse comportamento disciplinado.

A pesquisa em desenvolvimento é de cunho qualitativo, baseada em uma revisão bibliográfica e levantamentos de textos teóricos relacionados em análises de textos que tratam a questão do pensamento de Michel Foucault e Áurea Guimarães, verificando-se, primeiramente, como o poder disciplinar age na instituição escolar, para então compreender como este pode ser um fator gerador da violência, segundo estes estudiosos.

A formação da sociedade disciplinar

Foucault, no ano de 1966, em seu livro intitulado *As palavras e as coisas*, traça o percurso histórico dos discursos que formaram os saberes verdadeiros. Analisando desde o Renascimento até a Modernidade, Foucault procura compreender como ocorreu a formação dos saberes do homem em nossa Modernidade e como esses saberes formaram as ciências humanas.

No século XIX, período conhecido como Modernidade, Foucault sugere que houve uma mudança considerável na ordem do saber, ocasionado numa “redistribuição geral da *epistémê*” (FOUCAULT, 2002, p. 477), resultando no aparecimento do homem como objeto “empírico de conhecimento, abrindo assim, a possibilidade para a constituição das ciências humanas.” (NERY, 2008.p.7).

Nesse sentido, Foucault (2002, p.476) anota que as ciências humanas

[...] não aparecem quando sob o efeito de algum racionalismo premente, de algum problema científico não resolvido, de algum interesse prático, decidiu-se fazer passar o homem [...] para o campo dos objetos científicos [...], elas aparecem no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e que se deve saber.

Destarte, as ciências empíricas da modernidade (compreendidas pela biologia, filologia e economia), conquistaram um espaço que tornou possível o surgimento das ciências humanas e que esses fossem objeto de representação do homem, compreendendo esse homem como ser que vive, comunica e trabalha. Dessa forma, o homem deixa de ser somente objeto do conhecimento e assume também a posição de sujeito do conhecimento. Nesse sentido, buscamos em Foucault a afirmação de que

[...] as ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive, em que fala, em que produz. É como ser vivo que ele cresce, que tem funções e necessidades, que vê abrir-se um espaço cujas coordenadas móveis ele articula em si mesmo, de um modo geral, sua existência corporal fá-lo entrecruzar, de parte a parte, com ser vivo, produzindo objetos e utensílios, trocando aquilo que tem necessidade, organizando toda uma rede de circulação ao longo do qual perpassa o que ele pode consumir e em que ele próprio se acha definido como elemento de troca, aparece ele em sua existência imediatamente imbricado com os outros; enfim, porque tem uma linguagem, pode constituir em si um universo simbólico, em cujo interior se relaciona com seu passado, com coisas, com outrem, a partir do qual, pode imediatamente construir alguma coisa com um saber (particularmente esse saber que tem de si mesmo e do qual as ciências humanas desenham uma das formas possíveis). (FOUCAULT, 2002. p.477).

Com relação ao saber, o homem moderno torna-se o objeto e o sujeito do conhecimento das ciências humanas, e, em relação ao poder, ele torna-se fruto das relações de disciplina e esse novo comportamento disciplinar o distingue na sociedade moderna. Os saberes construídos na Modernidade são normativos e usados para a construção do poder disciplinar. O sujeito moderno, para ser útil, dócil e produtivo, necessita ser disciplinado, daí a necessidade das normas disciplinadoras na constituição do sujeito moderno.

O poder-saber está articulado ao “poder de extrair dos indivíduos um saber, e de extrair um saber sobre esses indivíduos ao olhar já controlados.” (FOUCAULT, 2003b, p.121). Para Machado (1985), não há relação de poder sem constituição direta de um campo de saber, nem saber que não suponha ou não constitua, simultaneamente, relações de poder, sendo assim, pode-se afirmar que o poder produz saber e saber produz poder, por estar diretamente implicados. Sendo o lugar de

exercício do poder o mesmo lugar da formação do saber. Segundo DAHLBERG *apud* SANTANA (2007, p.117),

[...] Foucault desafia a crença de que o poder oprime os indivíduos, enquanto o conhecimento os liberta. Em vez disso, os dois estão intimamente envolvidos. O conhecimento, ou o que seja definido como conhecimento legítimo, é um produto do poder, mas depois age como um instrumento do poder, desempenhando um papel fundamental na formação e constituição de disciplinas.

Foucault (2003a), durante suas análises referentes ao poder, chega a concluir que o poder em si só não existe, mas existem práticas e relações de poder, e estas podem ser notadas em diversas (ou todas) as práticas sociais. O poder disciplinar é fruto da sociedade moderna, está microfisicamente espalhado pela sociedade, meio a relações de forças, sendo constituído de formas diversas e em todos os lados. Foucault (2003a, p.89) conclui que o “poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.”

Foucault aponta que o poder reprime e exclui os indivíduos, sendo esse seu aspecto negativo, contudo, os sujeitos submetidos ao poder produzem e criam mais, e esse seria seu aspecto positivo, que é justamente ser produtivo, sendo assim, o autor nota que o poder apresenta um grande potencial criador. Nesse sentido, Machado (1985, p.XVI) completa, afirmando que “o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. É justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.”

Uma das grandes constatações de Michel Foucault, segundo Machado (1985, p. XIX), seria a de que “o poder é produtor da individualidade”, sendo a disciplina o meio para a criação de sujeitos individualistas. Dessa forma, a disciplina seria “a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (FOUCAULT, 2008, p.143). Desse modo, pode-se dizer que o indivíduo moderno é fruto das relações de poder-saber, sendo o poder disciplinar produtor desse indivíduo.

A poder disciplinar na escola

Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. Nesse sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões. (FOUCAULT, 1985, p.73).

Sabe-se que na sua obra *Vigiar e Punir* (2008), Foucault se preocupa em estudar a questão das instituições penais, sendo seu foco principal o estudo do poder e da nova tecnologia de controle dos corpos que incidia sobre os prisioneiros, surgida a partir do século XVIII. No estudo, ele se refere ao esquadramento disciplinar da sociedade, que consistia em um controle minucioso sobre a vida, os movimentos, o corpo do indivíduo. Durante suas análises, Foucault notou que esse tipo de controle disciplinar não era exclusivo das prisões, e sim permeava várias instituições, como as fábricas, exércitos, hospitais e escolas.

Nas escolas, assim como diversas outras instituições, o controle disciplinar é mantido e exercitado. O estudo de Foucault nos permite analisar a escola como um espaço de produção de disciplina e saber, onde esse é instaurado e aceito. Podemos dizer que na escola, “ser disciplinado” compensa, pois nessa instituição, fica claro o jogo de recompensas e honras. Esse jogo de premiações ao bom aluno disciplinado tem dois efeitos, que são distribuir os estudantes conforme suas habilidades e seu comportamento e exercer sobre os alunos o mesmo modelo, para que todos sejam dóceis e úteis. Na escola, todos têm que se parecer.

O poder disciplinar não coage em sentido direto, mas atinge seus objetivos através da imposição de uma conformidade que deve ser atingida. Em suma, ele normaliza, ou seja, molda os indivíduos na direção de uma norma particular, uma norma sendo o padrão de certo tipo. A disciplina determina o que é normal e, depois, desenvolve medidas e práticas para avaliar se os indivíduos são normais e para moldá-los segundo uma norma. (DAHLBERG *apud* SANTANA, 2007, p.121).

O novo modelo punitivo, não previa somente a punição do indivíduo, mas seu “adestramento”. Não se importava mais punir por punir, mas punir para ensinar. Todos os alunos da escola deveriam atender ao modelo estabelecido, toda desvirtualização da regra deveria ser punida, para se aprender a sempre se fazer o correto.

No regime da sociedade disciplinar como a nossa, a punição, ao discriminar os comportamentos dos indivíduos, passa a diferenciá-los, a hierarquizá-los em termos de uma conformidade a ser seguida, ou seja, a punição não objetiva sancionar a infração, mas controlar,

qualificar o indivíduo, não interessando o que ele fez, mas o que é, será ou possa ser. As punições são da ordem do exercício, implicando o aprendizado intensificado, multiplicado, repetido, em suma, punir é exercitar. (GUIMARÃES, 2003b, p.86).

Na escola, assim como nas demais instituições disciplinares, a punição ocorre por meio de micropenalidades, que dizem respeito aos desvios quanto ao tempo, hábito, gestos, comportamento, corpo, sexualidade e discurso.

O corretivo para a redução dos ‘desvios’ dar-se-ia pela aplicação do castigo disciplinar. As punições são muitas da ordem do exercício, do aprendizado intensificado, multiplicado, repetido, do que a vingança da lei ultrajada [...] O sistema operante no treinamento escolar é o da gratificação- sanção. (GUIMARÃES, 2003b, p. 27).

O controle minucioso dos alunos ocorre por meio do esquadramento do tempo, espaço, atividades e corpo. O controle de todos esses movimentos garante que os indivíduos saiam da escola com uma docilidade e utilidade ideal ao mundo capitalista.

O corpo entra numa “mecânica do poder” que “o esquadra, o desarticula e o recompõe.” (FOUCAULT, 2008, p.119). Essa anatomia política do corpo permite que seja retirada toda a sua força produtiva e diminuída toda a sua força no âmbito de manifestação política. Com isso, o indivíduo torna-se útil economicamente e dócil politicamente. Nesse sentido, Foucault (*apud* GUIMARÃES, 2003 b, p.34) argumenta:

Na escola, o controle de mínimas parcelas da vida e do corpo dos estudantes, por meio das práticas disciplinares, oferece todo um conjunto de saber, de dados, de receitas que permitem o controle e utilização dos indivíduos que configuram o ambiente escolar.

Foucault nos apresenta quatro tipos de organização disciplinar do indivíduo: celular, orgânica, genética e combinatória. A organização escolar consiste em colocar cada aluno num lugar específico, cada aluno tem a sua carteira e cada carteira, um aluno. Significa preencher toda a sala de aula de modo organizado e que possa assim, vigiar o comportamento de cada aluno, rompendo com todo o tipo de comportamento dito perigoso para o bom andamento da aula. Os lugares estabelecidos e individuais permitem que todos os alunos sejam controlados e que todos produzam de forma igual.

Nas escolas do século XVII, os alunos também estavam aglomerados e o professor chamava um deles por alguns minutos, ensinava-lhe algo, mandava-o de volta, chamava outro etc. Um ensino coletivo dado simultaneamente a todos os alunos implica uma distribuição espacial. A disciplina é antes de tudo, a análise do espaço. (FOUCAULT, 1985, p.106).

O espaço organizado em sala de aula permitiu que a escola se tornasse uma “máquina de ensinar”, de vigiar e premiar. A escola consiste na aplicação do “quadro – vivo”, que visa transformar uma multidão inútil, perigosa e confusa, numa multidão útil e organizada.

Na escola, a organização orgânica ou simplesmente o controle das atividades se dá pelo rigor das técnicas e horários. O uso calculado do tempo e o rigor com que as atividades devem ser desenvolvidas caracterizam o total uso do tempo, como se esse fosse inesgotável. A utilização do tempo, na escola, é intensificada, cada horário é ocupado por uma atividade determinada, seguindo um ritmo que permita que o processo de aprendizagem seja acelerado.

A organização das gêneses consiste em elencar os alunos e as atividades em séries específicas e diferentes entre si. Essas séries de atividades vão da mais simples à mais complexa, sendo marcada, em cada série, um tempo final. Em cada final, uma prova é aplicada ao aluno, procurando indicar quem é apto a avançar para a série seguinte.

O tempo disciplinar impõe-se à prática pedagógica organizando séries separadas umas das outras por provas graduadas, especificando programas e exercícios de dificuldade crescente, ‘qualificando os indivíduos de acordo com a maneira como percorreram essas séries.’ (GUIMARÃES, 2003b, p.32).

As séries diferenciadas possibilitam o controle de todas as atividades desenvolvidas pelo aluno, bem como o castigo e correções necessários a cada um. E garante também que todo o tempo do aluno se transforme em tempo de produção. A organização combinatória, também denominada de composição de forças trata-se de compor forças para obter um aparelho eficiente. Consiste em ajustar o corpo ao tempo do outro e extrair dessa junção a maior quantidade de força possível, obtendo assim, um ótimo resultado. Desse modo, pode-se obter a força de um aluno tanto isoladamente quanto coletivamente, já que o sucesso de uma tarefa depende tanto de um quanto de todos e o fracasso de um compromete o sucesso de todos.

Para que isso ocorra, o comando das operações deve ser claro e preciso. As ordens não têm que ser explicadas e muito menos contestadas, o que importa é atender aos sinais e reagir instantaneamente a ele. Nada e ninguém deve interromper o andamento das atividades,

[...] poucas palavras, nenhuma explicação, silêncio total, só interrompido por sinais: sons, palmas, gestos, olhares dos mestres. O aluno deve aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles, legitimando a técnica de comando e a moral de obediência. (GUIMARÃES, 2003b, p. 34).

Na escola, ser constantemente observado e anotado passa a ser um meio de dominação e um mecanismo produtor de individualidades. A criação de um arquivo documentário da vida do estudante permitiu a entrada do indivíduo num novo campo de saber e o poder disciplinar passa a recair sobre o corpo do indivíduo em situação escolar.

Os efeitos do poder disciplinar multiplicam-se na rede escolar em decorrência do maior acúmulo de conhecimentos adquiridos sobre o aluno a partir da sua entrada nesse novo campo do saber.

[...] a escola foi a instituição moderna mais poderosa, ampla, disseminada e minuciosa a proceder a íntima articulação entre o poder e o saber, de modo a fazer dos saberes a correria (ao mesmo tempo) transmissora e legitimadora dos poderes que estão ativos nas sociedades modernas e que instituíram e continuam instituindo o sujeito.(VEIGA-NETO, 2007, p. 114).

A constituição desse novo saber sobre a vida do estudante foi possibilitada graças às práticas disciplinares, sendo a vigilância seu suporte básico. A escola, como as demais instituições disciplinares, produz poder, sendo pela vigilância que esse poder passa a se organizar em multiplicidade, de forma automática e anônima, atuando diretamente na vida dos que nela estão inseridos, fazendo funcionar assim, uma “rede de relações”.

A comunicação dos estudantes se dá num sentido vertical, causando a reunião sem comunicação, produzindo assim, o isolamento. Em contrapartida, hábitos de sociabilidade também são produzidos, já que a escola exige que os alunos participem de exercícios úteis à coletividade, como a execução de bons hábitos. “Cria-se também a individualização, causando ruptura de qualquer relação que não seja controlada pelo poder ou ordenada de acordo com a hierarquia.” (FOUCAULT, *apud* GUIMARÃES, 2003b, p.36).

A existência de exames na escola é outro indicador desse tipo de poder. O exame, como já falado, faz de cada estudante um caso particular, sendo esse caso descrito, analisado, comparado, classificado e constantemente retreinado e normalizado. “[...] um caso que ao mesmo tempo constitui-se um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder.” (FOUCAULT, 2008, p.159). O exame é uma prática disciplinar que normaliza ao mesmo tempo em que vigia, ele permite qualificar, classificar, vigiar e punir, combinando técnicas da hierarquia que vigia e da sanção que busca normalizar.

O exame estabelece uma visibilidade do aluno que permite que esses sejam constantemente sancionados e individualizados, o que explica que em sociedades disciplinares, essa técnica seja constantemente ritualizada e renovada. Segundo

Foucault (2008, p.155), o exame permite que o professor, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levante um campo de conhecimento sobre seu aluno. Enquanto a prova terminava validando um aprendizado adquirido, o exame comporta uma constante troca de saberes, permitindo a passagem de saberes do mestre ao aluno, mas retirando do aluno saberes que somente pertence e se destinam ao mestre. Foucault assim diz:

O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (FOUCAULT, 1989, p.107)

Foucault (2008, p.155) aponta para o fato de que todo esse conhecimento adquirido sobre o aluno faz com que a escola torne-se o local de elaboração da pedagogia, supondo um mecanismo que liga a formação do saber ao exercício do poder. A era da escola “examinatória” marca, assim, o início da pedagogia funcionando como ciência, no sentido tradicional do termo.

O exame proporciona a possibilidade de consolidar o estudante como objeto descritível, segundo seus saberes formais, de conteúdos disciplinares, mantendo toda a sua evolução escolar, de domínio de conteúdos/assuntos científicos específicos sobre um saber e olhar permanente e permite a formação de descrição de grupos, por meio de um sistema comparativo. A aplicação de exames não garante que o aluno tenha de fato aprendido, já que na sociedade disciplinar, o “acerto” é digno de recompensa, neste sistema de troca e recompensa ininterrupto, nota-se que o aluno, sujeito da avaliação, busca por diversas vezes, aprender para obter essa gratificação, encontrada na escola como nota. O fim do aprendizado torna-se, então, a nota e não o conhecimento de fato.

[...] esse conhecimento transmitido leva o aluno à necessidade de decorá-lo para solucionar seu problema imediato que é a nota que será “dada” pelo professor. A ‘prova’ transformou-se, em muitos casos, em um meio de aterrorizar o aluno/a, além de se tornar uma questão secundária, diante da preocupação maior que é a nota. (CARVALHO, 2007, p.39).

Para Foucault (2008, p.155), a instituição escolar tornou-se uma espécie de dispositivo de exame continuado, que acompanha toda dimensão de ensino. Áurea Guimarães (2003b, p.37) menciona que as normas pedagógicas são mecanismos eficazes para marcar, “solidificar os desvios” e reforçar a imagem do aluno compreendido como “problemático”. Partindo ainda das análises de Foucault, a autora (2003b) preocupa-se com o fato de que a escola sempre exerceu sua função de forma individualista, independente do período a ser vivido, com o decorrer dos tempos,

mudam-se apenas as fachadas, mas os objetivos de formar pessoas para atender ao modo de produção continuam os mesmos. Nota-se isso, quando inúmeras novas práticas pedagógicas estão surgindo, onde o sujeito dessas ações são os alunos e nunca os que pensam nessas, entendendo-se que o aluno seja apenas o receptor dessas idéias, mas nunca seu formulador.

[...] essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por um todo compacto conjunto de práticas como a pedagogia [...] mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade. Como é valorizado, distribuído, repartido e, de certo modo, atribuído. (FOUCAULT, 2006, p.17).

Para Michel Foucault e Áurea Guimarães, a escola, ao dividir os conhecimentos em séries, salienta as disparidades individuais, recompensando os que se sujeitam a movimentos adequados que a escola impõe e punindo e excluindo os alunos que apresentarem comportamento distinto ao imposto. O atual modelo pedagógico permite analisar os indivíduos nas suas peculiaridades, buscando tornar todos igualmente submetidos às regras, vigiando-os constantemente. As punições não buscam extinguir os infratores, mas diferenciá-los e distingui-los, separando-os em grupos distintos, fechados e restritos de indivíduos.

A escola passa assim a se constituir num observatório político, num mecanismo que permite conhecer toda a vida dos discentes por meio dos docentes e demais membros pertencentes à escola – diretores, coordenadores, funcionários e até mesmo pelos próprios estudantes. A punição na escola torna-se aceitável, legítima e natural. Pode-se dizer que para Foucault, o poder de educar não é muito diferente do de punir. A escola, com seus mecanismos disciplinares, levam as pessoas a aceitarem o poder de serem punidas e também de punir.

A vigilância, a punição, os horários e as demais técnicas disciplinares além de moldar corpos, procura neutralizar possíveis movimentos de contrapoder, sendo esses movimentos representados na escola por vandalismo, depredação, motins e demais atos indisciplinados. A escola impede, assim, que movimentos contra o poder se instaurem e resultem numa forma mais vasta de manifestação.

Se as depredações acusam os descontentamentos e críticas a toda a instituição escolar, tenta-se impedi-las exercendo uma vigilância constante no comportamento dos indivíduos e estabelecendo o padrão ideal de atitudes perante a escola, com o objetivo, dessa forma, de evitar que as indisciplinas se transformem em armas contra as estruturas já estabelecidas. (GUIMARÃES, 2003b, p.41).

A pedagogia da escola atual cria a possibilidade de esquadriñar comportamentos e estabelecer sobre eles uma rígida vigilância. As regras disciplinares visam ao controle do espaço, tempo e corpo, assim, cria indivíduos submissos, peças fundamentais para a manutenção do sistema social assim como está, pois, como Foucault (1985, p.188) mesmo comenta, esse tipo de poder é uma das grandes invenções da burguesia e foi instrumento fundamental para o capitalismo industrial e do formato de sociedade que lhe é correspondente.

Considerações finais

Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões? (FOUCAULT, 2008,p.187).

O poder disciplinar teve início no século XIX, período compreendido por Modernidade. O início dessa nova era disciplinar é marcada por uma nova forma de administrar os corpos. A punição que antes era entendida como forma de agredir ou humilhar alguém, agora passa a ser vista como forma de moldar corpos, educando-os. O controle disciplinar, por meio de suas técnicas de controle e adestramento, foi mantido e aceito em diversas instituições disciplinares.

A escola, entendida como instituição disciplinar que “fabrica” indivíduos dóceis e úteis para o sistema capitalista, é uma das instituições que mais exercita e mantém o controle disciplinar. Foucault nos oferece estudos que permite analisar a escola como um espaço que produz saber e poder, onde a disciplina seria essencial para a formação do saber das ciências humanas. As práticas pedagógicas da sociedade disciplinar possibilitam que os corpos sejam vigiados constantemente e que comportamentos sejam diariamente estabelecidos.

O poder disciplinar, assim como apregoado por Foucault, em diversas passagens de sua obra cita, produz saber. A sua eficácia está no fato desse não conter apenas aspectos negativos, que reprime e penaliza, mas positivos. A disciplina foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos das ciências humanas,

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento [...], se apenas se exercesse de modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível de saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. [...]. O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para desprender dele vêm de todos estes vínculos. (FOUCAULT, 1989, p. 148-149).

Contudo, apesar de produzir saber, o poder disciplinar, com todos os seus artifícios de controle e submissão, cria indivíduos que toleram toda prática exercida sobre eles. Assim, o conhecimento transmitido nessa “escola disciplinar” serve para construir uma peça de engrenagem para a máquina capitalista. Com isso, a escola não tem buscado formar indivíduos críticos, ela sempre exerceu sua função de forma egoísta, sem se preocupar com o período vivido, pois é normal que se mudem os professores ou as arquiteturas da escola, mas o intuito de formar massas de manobra para o mundo capitalista permanece. O aluno não é parte fundante da escola, ele tem sido apenas receptor de suas idéias, mas nunca formulador.

A escola ensina seres acorrentados, que ao saírem dela, deverão aprender a pensar, mas como? Se o professor ensina conceitos que, por vezes, não pertencem à sua realidade, e nessa irrealidade, o aluno vai pra casa e não consegue fazer sequer uma união entre escola e vida, dar sentido social ao que aprende, tornam-se indivíduos que aceitam, sem nenhum questionamento, os saberes e a verdade constituída.

Com todo esse cenário, pode-se inferir que a escola serve para formar indivíduos, transmitir “conhecimentos” aceitos, prontos. No entanto, está longe de ser educativa, de formar indivíduos pensantes e livres, produtores de novas e mais adequadas regras disciplinares. A escola tem servido unicamente ao sistema capitalista, está despreocupada em formar pessoas que irão lutar contra as situações injustas em que vivem. A escola “se diz democrática, mas não o é; diz que prepara para a vida, mas não o faz; é lugar do novo, mas propaga o velho.” (GUIMARÃES, 1996a, p.25). Ela é lugar do novo porque recebe crianças e adolescentes, no entanto, não sabem como agir com esse novo, propagando um conhecimento velho, já instituído, que não visa à reflexão/ transformação do estabelecido.

Deve-se pensar “fazer escola” de outra forma, pois “na luta contra o poder disciplinar, não é em direção ao velho direito da soberania que se deve marchar, mas na direção de um novo direito antidisciplinar, e, ao mesmo tempo, liberado do princípio da soberania.” (FOUCAULT, 1985, p.190). No entanto, o papel do “novo educador” deve ser o de lutar contra as amarras do poder, tentando formar indivíduos críticos e pensantes, pois a sociedade atual é complexa e atravessada por interesses diversos, exigente de sujeitos conscientes, assim como apregoado por Foucault (1985, p.151), o papel do intelectual não é dar conselhos, mas sim, mostrar aos interessados, o que está acontecendo, alertá-los da maquinaria em que estão envolvidos, formando, assim, pessoas abertas para a mudança. Foucault (2011, p.15) alerta que “não há relação de poder sem resistência [...] toda relação de poder implica, portanto, ao menos de forma virtual, uma estratégia de luta.” Assim, que a escola possa, enfim, provocar e ser a mudança, contribuindo para uma sociedade nova, mais condizente com as exigências atuais.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Djalma Querino. **O Taylorismo pedagógico**. Pesquisa em educação: política, sociedade e tecnologia. Org. Doracina Aparecida de Castro Araújo; Ademilson Batista Paes... [et al.]. *Campo Grande: UNIDERP, 2007.*
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5ª edição. Ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- _____. **A História da Sexualidade I** :a vontade de saber .Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003 a
- _____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3ª edição. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003b
- _____. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural do Collège De France, promulgada em 12 de Dezembro de 1970. 14ª edição. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Dois ensaios sobre o sujeito e o poder**. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sujeitopoder.pdf>> Acesso em 1 de março de 2011.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar**: Conflito e ambigüidade. Autores Associados, Campinas-SP, 1996a.
- _____. **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. Campinas: Papirus, 2003b
- MACHADO, Roberto. **Por uma Genealogia do Poder**. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 5ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente**. São Paulo: Loyola, 2004.
- NERY, Sergio. **A Disciplina nas organizações empresariais**- Um estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. 2008.93 f.. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SANTANA, Maria Silvia Rosa; SANTANA, Isael José. **Modernidade e Pós Modernidade**: uma breve análise sob o enfoque da educação. Pesquisa em educação: política, sociedade e tecnologia. Org. Doracina Aparecida de Castro Araújo; Ademilson Batista Paes... [et al.]. *Campo Grande: UNIDERP, 2007.*
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.